

ENTREVISTA MEMORIAL 2

Sobre a implantação

Eu vivi o momento da implantação da FAFIMA com total intensidade. Eu tenho recordação do movimento do deputado Estadual Cláudio Moacir. Ele lutou para conseguir dentro da fundação Estadual Luiz Reid, criar a Faculdade de Filosofia de Macaé, tendo aquela como a sua mantenedora. Lembro da luta do Cláudio para conseguir e lembro quando a vitória foi dada e conseguimos.

Nós conseguimos a implantação de dois cursos em Macaé, Pedagogia e Letras que poderia ter o vestibular nos próximos meses e assim aconteceu. A partir desse momento foi decretada a criação da Faculdade de Filosofia demarcado o vestibular. Macaé se encheu de alegria porque havia uma demanda reprimida muito grande por parte de educadores da cidade (90% educadores) que queria estudar, mas na cidade não tinha nenhuma faculdade. Aqueles que podiam ir para Campos iam, ou se deslocavam para Niterói, capital do Estado Rio entre outras cidades. Mas de qualquer forma havia uma demanda reprimida muito grande. Isso aconteceu na década de 70. A gente estava no meio da ditadura militar. Aconteceu que tivemos inscrições para Letras e Pedagogia que suplantaram o número de vagas. Então tivemos o famoso vestibular da FAFIMA que foi no antigo Cine Clube. Quem conheceu esse clube originário lembra que o cineclube tinha um espaço de para mais de 500 pessoas. O lugar estava lotado, todos nós estávamos com a prancheta caneta e lápis. E lá presentes o Deputado Professor Zé Carlos e O Dr. Carlos Augusto, que era militar na ocasião. Claudio Moacyr o colocou para facilitar o fazer trâmite das questões, já que estávamos na ditadura. Ele que foi o primeiro diretor da Faculdade. Eu lembro até hoje que foi um domingo ensolarado e chegamos bem cedinho no cineclube. E a gente estava ali comemorando um passo à frente na vida da gente e da cidade.

Eu já tive experiência anterior que fui Aluna da Faculdade de Filosofia de Campos e lá eu fazia Letras, mas eu não pude concluir meu curso porque nós fomos de Kombi. O veículo sofreu um gravíssimo acidente na madrugada com oito mortos. E a partir daí com essa tragédia na cidade não me vi mais no direito de pegar Kombi e para Campos estudar. Tranquei a matrícula e fiquei na espera e a FAFIMA chegou. Então naquele dia, num domingo comum, a gente estava dando um passo muito significativo na vida da gente e um desses dias foi interessante quando a gente começou o movimento pela FAFIMA teve fala de uma das colegas de turma Maurinha. Ela falava assim: “Meu Deus, na minha vida profissional, econômica e financeira, a FAFIMA foi fundamental”. Daí descreveu porquê fez o curso, depois fez o concurso para o estado e se enquadrou, enfim...

A FAFIMA naquele domingo, a gente comemorando o saber que chegava na cidade. Não tínhamos prédio próprio. A turma de pedagogia tinha 91 alunos e a turma de letras tinha 50 alunos. Então, o já citado Deputado Cláudio, responsável pela direção da FAFIMA conseguiu a sessão do Tênis Clube, que da época do primeiro tênis clube, ainda ficava na praça. O clube tinha um salão muito grande. Então a turma de pedagogia era em cima e a turma de letras era embaixo, no mesmo salão que a gente dançava no sábado e domingo e segunda a sexta estudávamos.

Começamos paralelamente à obra do espaço físico da FAFIMA. Essa obra não durou muito tempo porque a fundação Educacional Luiz Reid disponibilizou uma parte do seu patrimônio onde hoje é a FAFIMA. Ali foi iniciado o prédio da FAFIMA com apoio da Prefeitura e dos alunos. A construção da faculdade aconteceu inicialmente no regime de mutirão. Estou falando de Macaé em uma década de 1970, quando havia somente 27 ou 28 mil habitantes. Era uma cidade pequena era antes da descoberta do marco histórico e econômico do petróleo na vida da região. Então tudo que acontecia era de uma forma muito solidária.

Mas isso não é só em Macaé, é no mundo. Essa época não volta mais, não tem retorno. Esse mundo acabou e nós podemos conversar. Eu participei de uma *live* ontem

muito interessante. Exatamente sobre esse do momento do mundo, como os idosos, os velhos estão sendo condenados pela Organização Mundial da Saúde. Estão sentindo que todo velho agora vai virar doente de acordo com a noção apresentada pela OMS. Então é uma humanidade perdida, os valores agora são outros, menos voltados para a comunidade.

Eu lembro quando nós fomos bater a primeira laje FAFIMA. Foi feito um quadrado e se vocês olharem a obra inicial da FAFIMA, podem esquecer a biblioteca, pois não tinha nada daquilo ali ainda. Então a parte do baixo tinha a secretaria e a sala dos diretores e professores do lado tinha uma escada que levava no primeiro andar. A outra escada levava para segundo andar. Estou com dúvidas e tinha dois andares ou se era um andar com duas salas. Pelo regime de economia de grana, imagino que fosse apenas no térreo, junto com a administração. Estou vendo seu Geraldino, irmão de Cláudia, pai de Beth, atendendo a gente, dando bolsa de estudo para todo mundo, porque quase ninguém podia pagar. Ao lado a sala do diretor e a sala de professores o banheiro. Servindo a todos como tem que ser. Tinha uma escada lateral que subia e dava na grande sala de pedagogia. Posteriormente, esse segundo andar passou a ter uma junção física. Tinha também uma união de parede com o Colégio Luiz Reid. Tanto que durante um tempo fizemos até uso desse espaço, mas isso é uma outra história.

Então, eu lembro da bateção de laje. a laje batendo para a gente subir para sala de aula. O que era isso? Isso era você convocar parentes de alunos que poderiam fazer esse trabalho no final de semana. A "bateção de laje" é uma cultura muito brasileira e africana. É quando as famílias se juntam para bater laje da casa do vizinho, da casa do amigo, da casa do companheiro, enfim... é um ritual.

O Espaço Físico e democrático

A FAFIMA sempre foi naquele lugar, ela nunca saiu dali. Depois foi feita a cantina, muitos anos depois foi feita também a biblioteca. Também havia aquele salão onde sempre

aconteceram debates políticos. Lembro dos grandes debates políticos que ocorreram ali. A gente viveu o final da ditadura com o primeiro diretor da FAFIMA que era um militar, um olheiro, um espião que tentava nos inibir. Cláudio Moacyr observou isso de uma forma habilidosa. Ele conseguiu o trocar pelo professor Zé Carlos, que foi um grande diretor durante anos. O professor Zé Carlos ele tinha o poder da escuta. Ele sempre foi uma pessoa escutava e naquele momento era muito precioso.

É importante destacar que foi do núcleo de estudantes da FAFIMA que saiu o primeiro sindicato de Macaé. A faculdade se tornou um instituto, um lugar de educação formalizada na região, onde todos queriam estudar. Tudo que vocês conhecem é de 10 a 20 anos para cá. Antes não existia nenhuma outra instituição de ensino superior, só existia a FAFIMA. Por isso nós temos na faixa de aposentadoria por idade lideranças formadas na FAFIMA espalhadas pelo estado inteiro. Temos vários Prefeitos. Por exemplo o Sabino, que foi prefeito de Rio das Ostras por muito tempo, é formado na FAFIMA, como secretários de administração, ou de educação, nem se fala. Então a história dessa instituição é por demais rica e preciosa. Não se acaba com legado. O que é uma cidade? A gente não vive no estado e nem em um país. A gente vive numa cidade, mesmo que mora na capital do país mora numa cidade chamado Brasília. Quem mora na capital do Estado do Rio mora numa cidade chamada Rio de Janeiro. Então nós temos uma cidadania municipalista. Eu por exemplo nunca desejei ser deputada, ter um mandado fora, nada disso.

Eu acho pertinente falar da história dela, falar desse legado dela e da formação ética, cultural e profissional de uma região inteira. Região que foi posteriormente se transformando em referência do país como a região do petróleo. A faculdade continua seguindo evidentemente com aquele espírito comunitário que perdurou. Fiz frente as inovações, mas a FAFIMA está lá registrada no coração de muitos e na vida de muitos. Que isso fique registrado.

Outras memórias!

A gente tem uma tendência de ter um registro de Macaé só pelos padrões de economia por causa do petróleo. É como se Macaé não existisse antes dos anos de 1979, quando a Petrobras se instala na cidade.

É muito bom que você lembre dessas pessoas, pois não as conheço mais. Você lembre as pessoas e eu só posso me referir UFRJ, não posso me referir a UFF porque quando assumi cargos de poder na educação da cidade a UFF já estava na cidade, vem de outras gestões, mas da UFRJ tirando o Nupem já havia da década de 80. A UFRJ campus avançado com Reitor Aloísio Teixeira. Esse Campus avançado eu como prefeita interina da cidade e depois avaliada pelo prefeito eleito Riverton Mussi doamos 67.780 metros quadrados para o campus avançado. Quando Riverton voltava, eu deixava de ser interina e ele assumirá o cargo de prefeito. Ele também aprovava todo recurso que nós destinamos a construir os primeiros espaços físicos da UFRJ.

Aquela inauguração foi marcante e eu acho que vocês podiam resgatar o lançamento da Pedra Fundamental do campus avançado da UFRJ, reitor Aloísio Teixeira, pois foi um dia memorável. A história se fez presente, a família do reitor foi, que infelizmente morreu muito jovem de repente. Tudo isso que vocês vêem nos rituais de celebração da posse da pedra fundamental foi nome de um projeto campus avançado da UFRJ Macaé profundamente comprometido com o modelo novo de universidade. Aloísio Teixeira fazia voz e vez com Darcy Ribeiro, que criou a Universidade de Brasília, dentro de um modelo novo de Universidade Brasileira. Esse, por sua vez, foi muito prejudicado pela ditadura militar durante seus mais de 20 anos de duração. Assim surgiu a Faculdade de Medicina da UFRJ, que nos seus primeiros anos teve muitos problemas. A começar primeiramente com as famílias dos alunos. Não havia Enem, prestavam concurso em Macaé, ou seja, na região. Então os meninos eram de família de médicos macaense. Chamavam os alunos do curso de medicina de Macaé de médico de pés descalços. Isso não os agredia, porque eles tentavam ofender nosso modelo de curso de medicina da UFRJ de Macaé, mas

tudo custeado pelo município. Apenas os professores do edital de 40 horas que foi também obra do Reitor Aloísio Teixeira para tem que gostar para gostar tem que morar e venha morar nesse município. É bom que se saiba que houve a traição histórica, isso é uma coisa forte ouvir isso é muito forte ...

O papel da instituição na produção do conhecimento científico e formação pessoal ao longo das últimas décadas.

Nós nos graduamos na década de 70, logo depois que a primeira turma se graduou na FAFIMA, houve uma política de prata da casa. A FAFIMA convidou alguns ex-alunos para dar aula e eu fui uma das convidadas. Começo dando aula de história de educação. Substituo o diretor-professor José Carlos. O fato de ter a minha formação em pedagogia e dar aula de história de educação me põem em contato constante e permanente com professores de história da cidade (professor Zé Augusto e professor Ricardo Meirelles). Eles se formaram em Campos. Não davam aula na FAFIMA pelo menos inicialmente. Então eu começo aprofundando meu conhecimento em história para poder mergulhar de cabeça de uma forma mais consistente, contextualizando o saber a educação no quadro histórico Mundial.

Com referência ao legado, a primeira coisa que nós temos que lembrar é que a Macaé da década de 70 quando a FAFIMA foi criada e começou colocando no mercado de trabalho os seus primeiros profissionais, era uma cidade em que tinha meia dúzia de médicos com diploma de faculdade superior e tínhamos dois ou três arquitetos e engenheiros. Então tínhamos um quadro bastante restrito de profissionais com curso superior. Mestrado e Doutorado nem se falava isso é uma conquista historicamente muito recente do povo brasileiro. Mestrado e doutorado quem fazia era uma elite paulistana, fluminense, carioca e ao mesmo tempo se formavam pela UFF Niterói né? Estou contextualizando... Então a FAFIMA coloca no mercado de trabalho e em todas as instituições sociais da cidade pessoas que tiveram uma formação muito elaborada porque

os professores da FAFIMA tinham um desafio. Nenhum deles tinham mestrado, não havia isso. Estou falando de uma realidade vivida de uma cidade no interior estado do Rio, até mesmo o professor Ângelo, quando chegou em Macaé formado pela UFF, não sei se em sociologia ou antropologia, não tinha mestrado, foi fazer depois. Então a gente coloca nesse mercado de trabalho, nas instituições sociais e no cotidiano dessa comunidade uma cidadania Macaense, diferenciada no saber. Se hoje a gente quiser fazer uma comparação de quantos doutorados e pós-doutorados "da época não existia". Não se falava isso era completamente desconhecido, isso no Brasil era para uma elite das capitais e mesmo assim de algumas, filhos de família rica nas capitais. Então fazemos toda diferença colaborando com a política como já falei anteriormente. É da FAFIMA que sai do núcleo gerados do CEP (Centro Estadual de Professores) porque era plena ditadura militar, então você não podia ter um nome de um sindicato. Então nós éramos do CEP de Macaé. Existia CEP no estado do Rio de Janeiro Inteiro, CEP Macaé, CEP Nova Friburgo, CEP Rio de Janeiro. As coisas eram diferentes até em termos geográficos, Rio das Ostras não era município, Quissamã também não era, Carapebus, Búzios, era mesmo diferente. Então nós entramos com potencial muito grande, nós influenciávamos a política de Macaé, ou seja, da FAFIMA que foi formar sindicato. Nós influenciemos essa política durante décadas.

Eu me afiliei aos vereadores de toda região em 1982. Não foi uma candidatura e uma vitória solta no tempo e espaço. Foi tudo uma construção de saberes que tinha a FAFIMA como eixo. A parte cultural também nós tínhamos um Grêmio que atuava, apesar de não ser nosso forte. Nunca foi o nosso direcionamento mais forte é sim a política, mas também culturalmente a gente influenciava muito. Ali surge alguns grupos teatrais. Ricardo Meirelles não tem formação na FAFIMA, mas o grupo de teatro dele foi importante. Eu acho que houve um legado em relação à pesquisa. Nós éramos uma faculdade de Filosofia Ciências e Letras que tinha como missão a formação de educadores. A dificuldade da pesquisa era tão grande que eu fazia crítica muito grande a FAFIMA e nunca fui ouvida nisso, ainda bem. Nós tínhamos que apresentar no final do ano de Pedagogia e Letras um trabalho de pesquisa. Nela era feita uma investigação sobre a realidade da cidade,

M E M O R I A L

mas como o município estava crescendo, as favelas apareceram. Os estudantes da FAFIMA só tinham o curso à noite, porque o estudante da FAFIMA trabalhava de dia. A FAFIMA teve experiências de 1 ou 2 anos à tarde e não vingou, porque todos eram trabalhadores. Como havia essa dificuldade também de horário e de campo para fazer a pesquisa tínhamos uma pasta. Eu odiava aquela pasta, pois todos copiavam a pasta um do outro. Então aquilo que podia realmente mostrar a pesquisa da FAFIMA, da realidade socioeconômica da região. Começava a surgir colação de pasta. Não tinha nem internet, era cópia mesmo.

Marilena Garcia, professora e ex-vice-prefeita de Macaé.